

Considerações ao acasa

II

de CORREIA DE SOUSA

Desde há um quarto de século que o termo «crise» sai de todas as bocas e aparece em todas as publicações.

Mais do que noutros campos onde seria empregado com exactidão, tem largo consumo no campo da política, generalizando a sua aplicação no desconcerto económico do mundo. O uso começa de cima. Economistas, estadistas, financeiros, industriais e operários, empregam-no todos os dias. Feliz até ao paradoxo, tanto significa super-abundância como a extrema miséria. Vem da filosófica filologia grega...

É crise quando a América apresenta milhões de desempregados e quando queima milhares de toneladas de trigo, quando o Brasil não tem braços para cultivar os seus vastos territórios e quando inutiliza navios de café. Pela mesma razão se poderia dizer crise de trabalho muito e crise de trabalho nenhum. Em muitos casos, o médico diagnostica «crise...» tanto quando se ri como quando se chora. Não sabemos que razões levarão o meteorologista a desinteressar-se dum termo tão patusco. Talvez por não se lembrar de consultar o senhor Laval sobre se os egípcios já o usavam quando o Nilo os afogava ou os deixava como os carapaus na Nazaré.

Traçando-se de questões económicas, despido ou nú, crise é objecto de prolongadas meditações com o concurso de álgebras, matemáticas e cafelina. Economistas e estadistas legislam, as empresas económicas contam, pesam e medem, e as actividades produtoras, produzem ou não produzem, seguindo se a crise é de movimento ou de não movimento.

Há já uns bons anos sustentamos esta coisa monstruosa: **Não há «crise» de trabalho.** Tentamos, então, expor conceitos segundo os quais o termo designa fenómenos na sua manifestação artificialista e não de realidade positiva na sua origem natural.

O campo económico presta-se a abundante e contraditória argumentação. Uma elevação de navios aduanas, as oscilações cambiais, um incêndio numa fábrica, uma baixa de preço nos mercados, a capacidade produtora dos maquinismos dispensando o braço humano, as colheitas abundantes, as especulações, etc., tanto produzem o fenómeno por falta como por abundância de produção e do movimento de actividades produtoras. O fenómeno vulgarmente designado por crise de trabalho

só existe pelas consequências, pelo espectacular efeito.

Não está provado que em qualquer tempo as riquezas sociais existentes fossem insuficientes para sustentar a humanidade.

A orientação está nos tratados de economia, na sabedoria que os interpreta e no conjunto directivo e executivo das leis sociais das fórmulas económicas.

O erro vem da interpretação ou da sofisticação dos fenómenos? As denominações são deficiências da filologia ou convencionaes aplicações em função definidora de erros e sofismas?

Nestas questões não há quem não tenha razão mesmo no campo científico, livre a quem o queira ocupar, certo de que as mais flagrantes contradições encontram a generosidade do tipo e do papel. Seja como for, os recursos científicos há muito tempo não permitem um sistema de análise representando a miséria da Ciência e forçando, neste caso, a lógica humana que lhe deve servir de base.

Há termos com uma história tristíssima. No número desses, crise é homem de chapéu à missa. E há crise de tudo, em tudo se aplica, tanto onde fica bem como onde fica mal, favorecendo a aceitação como coisa natural dum artificialismo brigando com as razões fundamentais do natural desenvolvimento da vida em todas as suas manifestações bio-fisiológicas, morais e sociais.

Geralmente trata-se de sofusões e não da orientação sofisticadora e consolidadora das soluções. A crise de orientação foi sempre o grande mal, devido à falta duma crítica autorizada pelo saber e por aquela honestidade que o crítico deve manter com o rigoroso esmero obrigado pela responsabilidade contraída. nolos efeitos da função crítica, para com o espiritual e social além dele.

Cada geração dá sempre um maior ou menor número de indivíduos cheios das mais virtuosas qualidades e dotados de excelentes faculdades de estudo, dispostos a valorizarem-se pela aquisição de conhecimentos e a serem úteis á sociedade. Entregam-se com devoção ao estudo, ouvindo com atenção aqueles a quem julgam sabedores, assistindo a conferências, ento críticas, etc., vão tracando a sua orientação, familiarizando-se com livros e autores, críticos e conferencistas pelos quais criam simpatias e a quem tomam por orientadores do seu espirito

amigo de saber. Confiam na palavra dos mestres como o passageiro confia no léme e na perícia náutica do comandante.

Um autor que é ele com o que do exterior recebe; a sua obra de qualquer modo realizada, é esse prolongado ao exterior, onde actua em conformidade com um conjunto de variadíssimos factores como desde Taíne se vêem demonstrando. Mas este princípio, insuficientemente esclarecido e divulgado, não dá o rendimento social orientador a que naturalmente se destina. Não vem até ao público como cartilha do mundo dos iniciados e a iniciar na cultura. Encarado na sua pouca expansão e em relação aos desejados resultados, podemos assim dizer que ficou desconhecido de muitos. Não só isso. Devido á falta de esclarecimento abusar-se do princípio a ponto do autor actuar com as suas realizações apenas em campo receptor já formado, interpretação segundo a qual teríamos de negar o dano causado e o bem produzido pelas potenciais actuantes nos meios em que actuam, onde em verdade podem coexistir ou formar-se dois espaços á mercê dos progressos da actuação. Doutra forma não teríamos explicação para os fenómenos políticos, morais, etc.

Se em cada país houvesse um organismo crítico-científico com toda a independência e meios de acção, como na esfera política tem qualquer departamento do Estado, tendo a seu cargo uma publicação que seria a revista das ideias, ciências e artes segundo as aquisições científicas do nosso tempo, evitar-se-ia o dano causado por muitos mestres fora do seu tempo mesmo como alunos e a formação de muitos prestígios que podendo ou não sê-lo no campo moral, político, literário ou artístico, não podem, no campo científico, reunir a ambiguidade da alternativa. Há muito se estabeleceu que para a Ciência não há ambiguidades e sabido é que há um pensamento científico a dirigir o mundo como expoente das aquisições científicas.

Talvez partiu do princípio do que uma obra criticada não deve ser objecto nem de louvor nem de censura. A crítica científica seguiria a sua trajectória contrutiva, apresentando a documentação da última palavra da Ciência no seu tempo. Quem a não desejaria seguir? Os que não estudam, os desatentos e os que por caprichos personalistas e diversas outras razões enten-

dem por um lado que a Ciência é uma espécie de droga e por outro que ela é, mesmo contradizendo-se, para ser posta ao serviço de interesses morais, materiais etc., de par-las da esfera humana.

Qualquer negócio reles tem uma balança, um metro; qualquer droga tem a sua fórmula. Os alimentos, sujeitos ou não a operações culinárias, constiprio homem é uma fórmula. Tuem uma fórmula e o pró-Para tudo há uma fórmula-método e em tod o seu obrar o homem tem responsabilidades. A Higiene descrita contra a fauna amofélica e contra todos os agentes transmissores de doenças e por um vulgar papel se identifica um indivíduo. Contudo, abandonado pela cultura e a crítica, desorientado num mundo de contradições por tanto mestre, tanto cientismo e tanta crítica irresponsáveis, anda na vida aos tombos e aos rombos, sujeito a pagar multa se na rua não obedecer ás intruções do sinaleiro...

Assim marchamos para a História, não sem confirmarmos que é bem menor o espaço entre ela e o Cro-Magnon percorrido pelo antropologista. A Historia Universal, por conta de reis e imperadores, é também um mestre sem diploma da crítica científica. Fatiga e desorienta. Que saibamos, uma única, existe digna de ser lida — a de Clemence Jacquinet. Compenetrada da sua grave responsabilidade, a autora entendeu que o Saber é para ser posto ao serviço das sociedades humanas.

Aristocratizada ou predicada e praticamente executada em contradicção com os seus fundamentos, a Ciência está longe de converter a sua extensão teórica em mérito social.

A mulher intelectual portuguesa

(continuação da pág. seis)

dos, alguns são muito estúpidos e idiotas, fazendo-se inferiores a êles, tornando-se não a sombra produtiva e trabalhadora da esposa de Curie ou de Chang Kai Chek, mas a sombra carinhosa, animalmente meiga, com as ternuras dedicadas da mulher boçal de qualquer merceiro analfabeto.

Este afastamento aristocrático do trabalho profissional é o comum entre as intelectuais portuguesas.

Há excepções felizmente. Pena é que sejam tam raras.